



Mercedes Gómez Martínez
**Você correrá
pelos céus**

allegro

XVI Conferência
Regional Latino-Americana da UITA





Folhas da Memória

2

***“Somos a memória que temos e a
responsabilidade que assumimos. Sem
memória, não existimos; sem responsabilidade,
talvez não mereçamos existir”.***

(José Saramago)

Mercedes Gómez Martínez, dirigente histórico do emblemático sindicato de trabalhadores da Coca Cola na Guatemala, sobreviveu aos anos de violência, quando se filiar a uma organização sindical era o primeiro passo para uma morte segura, ou, no melhor dos casos, o passaporte para um exílio vitalício. Nessa época o anti-sindicalismo mostrou suas garras, se tornou uma matilha que encurralava as vítimas em campo aberto, numa caçada livre aos dirigentes e ativistas de base.

Um tempo onde a impunidade caiu sobre as armas do Estado e dos paramilitares, depois de cada ação unilateral ou na conclusão de operações conjuntas.

Este ensaio compreende um período exíguo da história do Sindicato, no contexto da guerra fria, do feudalismo promovido e controlado pela United Fruit Company (hoje, **Chiquita Brands**) e do jugo colonialista dos Estados Unidos.

Dá uma ideia da imensa contraofensiva criminosa que um grupo de jovens sindicalistas teve que superar com força de vontade, unidade e luta, com objetivo de manter viva a organização.

A maldita violência Esvaída Guatemala

“Depois da invasão (1954), o novo governo se dedicou a destruir as organizações sociais. Dirigentes rurais, sindicalistas e intelectuais foram detidos, torturados e, algumas vezes, fisicamente eliminados. O anticomunismo passou a ser um objetivo fundamental, não apenas por parte do governo, mas também da elite econômica”.

(Centro Internacional para Investigações dos Direitos Humanos – CIIDH)

Mercedes Gómez Martínez era um maratonista nato, alguém nascido para correr. **Enildo (Iglesias)** ¹ costumava dizer: “Mercedes, para que não saia correndo, a gente precisa amarrar”.

Gostava mais de fazer longas caminhadas sozinho, enfrentando limites físicos e emocionais, do que de participar de reuniões com labirintos intransponíveis. Simples e introvertido, seu sorriso franco dissolvia qualquer tentativa de taxá-lo de antipático.

Ingressa na engarrafadora da Coca-Cola, na cidade da Guatemala, em 1976, aos 26 anos.

Naquele momento, o país se esvaía em sangue no horror do conflito armado interno; a ofensiva contrainsurgente e sua estratégia criminoso de “terra arrasada”; a atuação bestial dos esquadrões da morte, cenários diversos de uma Guerra Fria que deixou um saldo de 200 mil mortos, 45 mil desaparecidos – quase todos indígenas – e um milhão de fugitivos entre 1960 e 1996.

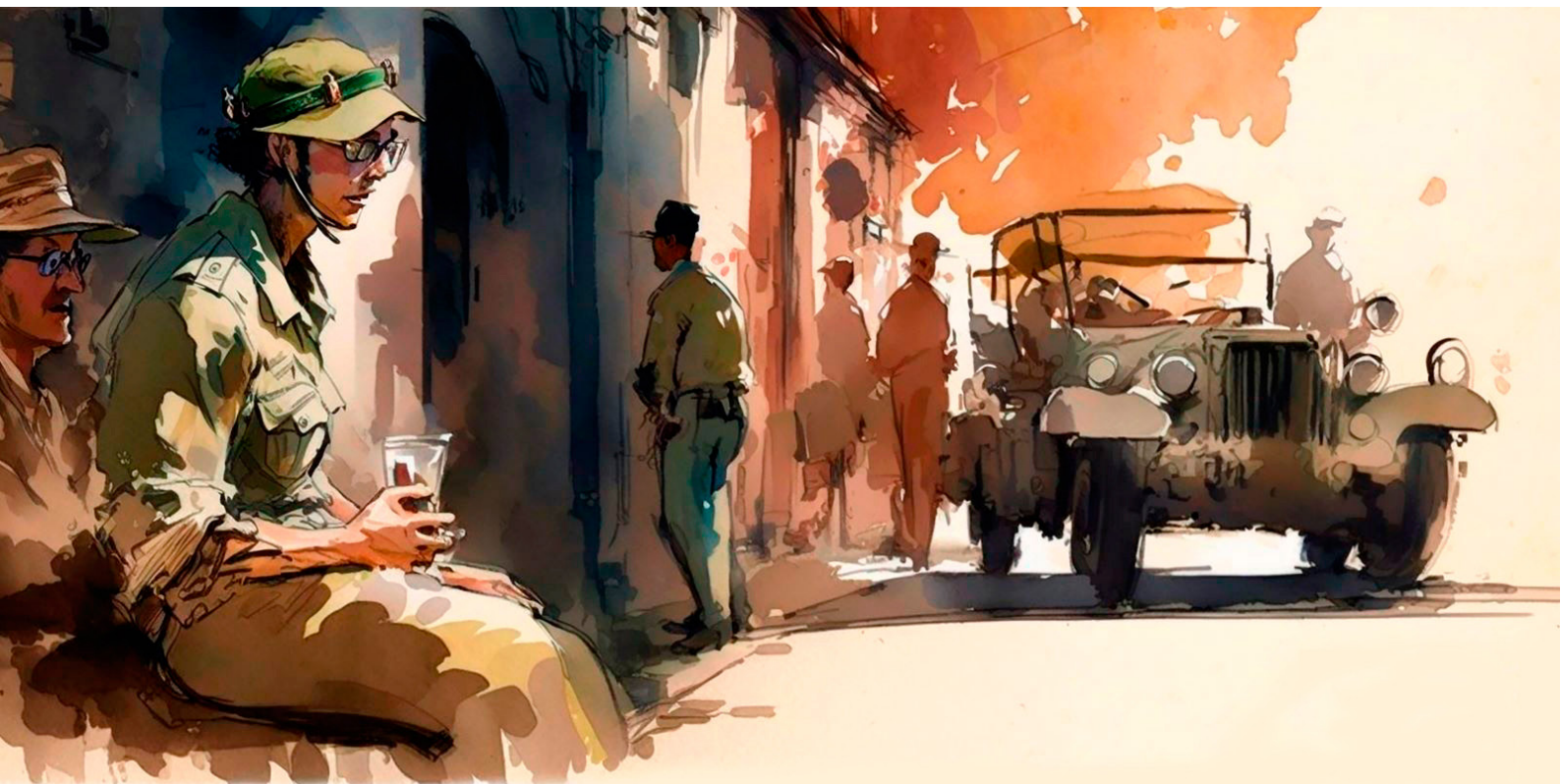
93% das violações reportadas aos direitos humanos foram atribuídas às forças do Estado e grupos paramilitares. Os diferentes governos nesse período atuaram sem limites, numa

¹ Ex-secretário Regional da UITA (1967-2000)

estratégia bem azeitada de controle social. Não os importava, em absoluto, a reação da comunidade internacional (como ocorre hoje em dia). A cobertura jornalística, também perseguida e praticamente eliminada, deixou as mãos do Estados livres para atuarem de forma criminosa em silêncio (como ocorre hoje em dia).

Naqueles anos, a presença de indígenas na capital, exigindo respeito aos direitos humanos, era considerada um ato subversivo, e qualquer grupo indígena, conversando tranquilamente em sua comunidade, um princípio de rebelião.

Eram comunistas ou guerrilheiros aqueles que levantavam a voz, e suspeito todo aquele que apenas abrisse a boca.



A matilha anti-sindical ***As maquinacões do terror, nossos mártires***

“A conjuração que derrubou Jacobo Árbenz inaugurou a saga de intervenções golpistas da central de inteligência norte-americana no continente. Sob a desculpa de preservar a região do suposto “avanço comunista”, a operação teve como objetivo defender os interesses econômicos de grandes transnacionais como a United Fruit Company (UFCo)”.
(Ricardo Vicente)

O Sindicato dos Trabalhadores da Engarrafadora Guatemalteca, Afiliados e Correlatos (STEGAC, assim denominado nessa época) foi fundado em 1948, no marco da chamada “*primavera democrática da Guatemala*” (1944-1954), “uma década de reformas democráticas destinadas a melhorar o bem estar social da população, como a criação do Instituto Nacional Indígena, o Instituto Guatemalteco de Segurança Social, um Código de Trabalho Moderno e a Reforma Agrária” ².

A organização desapareceu logo depois do golpe de Estado de 1954, que se traduziu como [a primeira intervenção direta da CIA na América Latina](#), fato determinante do legado autoritário que hoje estampa sua marca na Guatemala.

² O fracasso das aberturas democráticas depois da Segunda Guerra Mundial, de **Heather Vrana** e **Julie Gibbings**.

“Desde o golpe de Estado, os sindicatos e organizações políticas que tinham apoiado a revolução foram declarados ilegais. Centenas de pessoas buscaram asilo político nas embaixadas do México e Argentina.

Mais de 5 mil camponeses povoaram as prisões e os ativistas rurais fugiram de suas comunidades. Centenas de dirigentes camponeses e sindicais foram assassinados. A maioria dos peões da zona rural perderam as terras obtidas durante a revolução. A UFCo. recuperou as terras expropriadas.

Além disso, foi cancelado o direito de voto aos analfabetos, na sua maioria, índios. Foram anuladas as emendas efetuadas no Código de Trabalho de 1947, que garantia direitos aos trabalhadores e sindicatos. Desde então, a Guatemala nunca mais foi a mesma”.

(Ricardo Vicente. Voces en el Fenix)

O Sindicato ressurgiu em 1975, meses antes da entrada de Mercedes na fábrica. Na sede da Central Nacional de Trabalhadores (CNT) se realizou a primeira assembleia, onde se elegeu **Pedro Quevedo** e **Israel Márquez** como secretário geral e tesoureiro, respectivamente.

A partir desse momento, a empresa acionou um terrível plano de extermínio aos líderes do Sindicato e uma perseguição feroz aos familiares e assessores.

Quevedo foi assassinado dentro do seu caminhão de distribuição, em 12 de dezembro de 1978. Tinha 37 anos. Em janeiro de 1979, vários veículos rodearam a fábrica e tentaram sequestrar **Márquez** e **Luis Quevedo**, irmão de **Pedro**.

Em 28 de janeiro, foi assassinado **Manuel Moscoso** e sua esposa ficou gravemente ferida em um ataque terrorista, que na verdade tinha sido dirigido a Israel Márquez, que logo depois disso se refugiou na embaixada da Venezuela, onde permaneceu por um mês com sua esposa e filho de 10 meses, até finalmente exilar-se na Costa Rica.

Desde que entrou na empresa, **Mercedes** se posicionou firme junto ao STEGAC, apesar dos riscos que corria. Foi eleito secretário geral do Sindicato em 27 de maio de 1980, com 31 anos, logo depois do assassinato do companheiro **Marlon Randolpho Mendizábal** (22), nesse momento secretário geral, cargo no qual havia sucedido **Manuel Francisco López Balán** (28), assassinado em 5 de abril de 1979, quando descia do caminhão da engarrafadora.

Mercedes assumiu a secretaria geral num momento em que sua organização estava sendo dizimada pela violência e pelo terror deflagrados pela empresa. Uma época em que, paralelamente, em vários países, os trabalhadores da Coca Cola realizavam paralisações e marchas. O boicote internacional à companhia, organizado pela UITA, começava a tomar corpo.



Coca Cola, o latifúndio de Mr. Trotter ***O antissindicalismo made in USA***

“Existia uma estreita relação entre os administradores da empresa e os agentes de segurança do Estado. Sabe-se que participavam dos encontros John C. Trotter e outros diretores da empresa. Por parte do Estado, intervinha o coronel Germán Chupina Barahona...”
(Informe Memórias do Silêncio)

Para o poder factual das elites empresariais encistadas na política guatemalteca, os sindicatos eram o inimigo *interno, células subversivas* que se devia extirpar fosse como fosse.

John Clinton Trotter – um advogado fascistóide vindo do Texas – era o dono da fábrica da Coca Cola. Referindo-se a ele, a Embaixada dos Estados Unidos disse, em um telegrama que enviou ao Departamento de Estado, em 1979: “Trotter, membro do MLN, tem antecedentes de ser um antissindicalista radical, defensor de **Lucas García**, e prega que as condições na Guatemala melhoraram desde que seu governo tomou o poder”.

Quando o Sindicato ressurgiu, em 1975, Trotter certamente pensou: “Se há apenas 21 anos, o governo dos Estados Unidos e a CIA agiram em aliança para defender os interesses da United Fruit Company, não fariam menos que isso para proteger a emblemática Coca Cola Company da subversão comunista”.

Pelas dúvidas, o inquieto Trotter não esperou o desfecho de uma nova invasão de mercenários vindos de Honduras: dedicou-se tenazmente a articular alianças com setores de ultradireita e estabelecer sólidos contatos na administração do governo do general **Romeo Lucas García**, terratenente e militar genocida que chegou à Presidência em julho de 1978, mediante uma alardeada fraude eleitoral.

Entre suas amizades políticas e militares, contava com o general **Germán Chupina Barahona**, que se tornou um amigo próximo. Chefe da Polícia Nacional, Chupina teve notória participação no massacre da embaixada da Espanha, em 31 de janeiro de 1980, quando 39 pessoas, que protestavam contra a violação de direitos humanos que sofria a população Maya, morreram queimadas.

Trotter avançou nos vínculos políticos, promovendo a legitimidade da sua luta contra o comunismo. Membro do Movimento de Liberação Nacional (MLN) – um grupo paramilitar e partido de ultradireita – decidiu ir além: militarizou a planta.



Todo o arsenal contra o comunismo O desembarque dos paramilitares

“O assassinato se levou a cabo enquanto se encontrava cumprindo sua rota de distribuição. Foi abatido com um tubo de ferro e, em seguida, lhe cortaram a garganta de orelha a orelha. Segundo o ‘Nuevo Diario’ (6 de abril de 1979), quando outro trabalhador veio em socorro de (López) Balán, um dos assassinos lhe deu uma surra e lhe disse: ‘Eu não quero matar você, é ele quem eu quero’, apontando Balán”.
(CIDH, caso 4425.)

Em novembro de 1978, apareceram anúncios nos quais a Coca-Cola convocava candidatos para o departamento pessoal. O principal requisito era saber artes marciais e ter colaborado ou pertencido aos corpos de segurança do Estado.

Como resultado, três tenentes do exército e um bom número de guardas armados patrulharam a planta, empunhando ostensivamente suas armas. Entre janeiro e fevereiro de 1979, mais de 50 homens armados vigiavam a fábrica, e uma metralhadora calibre 50 dava as boas-vindas aos trabalhadores que batiam ponto.

Os tenentes em questão eram **Juan Francisco Rodas, Edgar Gudiel Castro e Julio García**, que desempenhavam respectivamente os cargos de chefes de pessoal, de operação do armazém e da segurança.

Para que se entenda o protagonismo opressivo destes senhores, basta citar um documento da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH): “Em 14 de abril de 1980, às 10h da manhã, representantes do Sindicato apresentaram perante juiz de trabalho uma solicitação de discussão de um novo pacto coletivo, dado que o anterior havia vencido em fevereiro do mesmo ano. De acordo com as leis, o juiz de trabalho emitiu uma resolução

que, de acordo com o direito trabalhista, proíbe a demissão de membros do sindicato. Às 3h da tarde do mesmo dia, 28 membros do Sindicato e três integrantes da diretiva foram despedidos.

Em 16 de abril, os três dirigentes foram readmitidos. Todos os demais foram ameaçados de morte pelo tenente Juan Francisco Rodas, militar em serviço especial, que atua como chefe de pessoal da empresa, caso não aceitassem a demissão”. (*CIDH, Resolução 38/81. Caso 4425*).

Sem poupar recursos na luta contra a insurgência sindical, Trotter contratou, para reforçar a segurança na fábrica, a Polícia Militar Ambulante (PMA), uma unidade do Exército Nacional criada em 1958, com apoio irrestrito dos Estados Unidos.

A princípio, a PMA tinha jurisprudência específica no âmbito rural, mas, em 1971, ampliou sua área de ação para todo o território nacional. A PMA ofereceu seus serviços também como guarda privada de terratenentes e industriais, onde se encaixou Trotter.

Está anexado no citado informe da CIDH: “(...) ao menos em uma ocasião, em final de novembro (1978), John Trotter e um grupo de gerentes da planta se reuniram com o coronel Germán Chupina, onde se chegou à decisão, pela gerência da Engarrafadora e do chefe de polícia, que o sindicato seria destruído em seis meses”.

Em agosto de 2022, o Sindicato comemorou 47 anos de luta. Sempre em frente.

*Não era seu dia
Mas seria sua maior dor*

“Entre 1978 e 1980, sete membros e líderes do sindicato da Coca Cola foram assassinados e dois desapareceram”.
(Uma Biografia Coletiva. Rel UITA)



Edgar René Aldana Ruano

Lider Sindical

Asesinado el 21 de Junio de 1980

A madrugada de 21 de junho de 1980 foi bem fria. **Edgar René Aldana Ruano**, operador de empilhadeira da planta, caía de sono e sentia frio até os ossos.

–Vai dormir um pouco–, lhe disse Mercedes, o outro operador, compadecendo-se do pobre Edgar que não parava de tremer.

Mercedes foi despertá-lo às cinco, como combinado.

– Bom, agora você descansa que eu vou trabalhar, disse Edgar, já recuperado.

– E que surpresa eu tive... – reflete **Mercedes**. Depois de uns cinco minutos que tinha se sentado, chegou um grupo exaltado de trabalhadores da produção.

– Companheiro, meu Deus, companheiro... você está vivo?

– O que aconteceu? – perguntei surpreso.

– A empilhadeira, aquela que você opera, ficou com o motor ligado, pensamos o pior...

Carlos Luch³ lembra deste episódio: “Edgar René foi assassinado na planta por guardas da empresa e integrantes da Policía Militar Ambulante. Os assassinos tentaram tirar o cadáver da planta, jogando-o na rua, mas não conseguiram porque a parede divisória tinha arame farpado em cima. O corpo de Edgar não passava e o atrito com o arame causava lacerações.

Então subiram o cadáver a um veículo de propriedade da empresa e o deixaram a uns 200 metros, em frente a uma igreja chamada Esquipulitas”.

– Foram apenas alguns minutos desde que eu lhe havia passado a empilhadeira–, disse desconsolado Mercedes. Talvez tenha sido um erro meu, ou azar, não sei.

– Emprista seu abrigo que estou com frio, me disse Edgar. Eu lhe dei o abrigo e também o meu gorro, um que me tapava as orelhas, porque o frio aqui, de manhã, é intenso, lamenta Mercedes.

Mesmo que tenham ido para matá-lo naquela manhã fria de 21 de junho de 1980, Mercedes Gómez Martínez só faleceu em 17 de julho do ano passado, com 73 anos.

Sua história é parte de muitas outras, protagonizadas por companheiros e companheiras que souberam rebelar-se contra o terror institucionalizado e a barbárie dos mercenários a serviço do poder.

Onde quer que você esteja, querido Mercedes, certamente estará correndo, que foi a maneira que você escolheu para encontrar a si mesmo no caminho.

Autor: Gerardo Iglesias
Edição: Daniel Gatti e Amalia Antúnez
Design: Gabriel Balla
Ilustrações: Allan McDonald
Fotografias: Gerardo Iglesias

Montevideu, Uruguai | Abril 2023

